

**DESCONSTRUINDO O “DIA DO ÍNDIO”: A PLICAÃODE OFICINA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BUSCANDO REPENSAR VELHOS TERMOS E CONHECER OS POVOS ORIGINÁRIOS**

Erika Camila Pereira Nunes

Acadêmica de História Unimonte

erikacamilapereiranunes@gmail.com

Hemilly Luisa Pereira de Souza

hemillyluisapereiradeus2004@gmail.com

Acadêmica de História Unimontes

Pedro Henrique Costa Santos

Acadêmico de História Unimontes

**Palavras-chave**: desconstrução, indígenas, autonomia, PIBID, ensino fundamental

**Resumo Simples**

O presente relato de experiência, relata a aplicação de uma oficina na Escola Estadual Doutor Carlos de Alburquerque por alunos do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Montes Claros, integrantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). A Oficina se tratava da desconstrução do Dia do Índio, que ainda utiliza um termo incorreto para se referir aos povos nativos americanos, tema pouco abordados nas escolas, que para além disso existe um reforço de ideais e visões pejorativas a respeito dos indígenas. Visando romper com esses estereótipos e ideais preconceituosas, foi aplicada nas turmas participantes do PIBID, 7º ano 3, 8º ano 1, 8º ano 2, 8º ano, uma oficina buscando levar os alunos a ter um pensamento crítico a respeito do tema além de abrir caminho para uma maior autonomia na busca por conhecimento (FREIRE, 2020). Apresentando a eles de através de exposição oral e storytelling (PALACÍOS e TERENZZO, 2016), e apresentação de vídeos, imagens e música, observando o grau de interesse e entendimento deles. Para além disso foi objetivado que os alunos realizassem pesquisas e buscassem por conta própria fatos relacionados aos indígenas, como sua organização, representação cultural, história, aspectos da vida cotidiana, ou qualquer outro tema relacionado aos povos originários brasileiros. Os resultados foram expressos em produções dos próprios alunos, através de cartazes e apresentações em grupos onde pudemos observas as suas habilidades de forma coletiva e individual, e medir qualitativamente os conhecimentos adquiridos na produção dos cartazes. O balaço final das notas foi positivo, onde não só os alunos tiveram contato com um ensino de forma mais crítica e assertiva, contribuindo para um maior entendimento livre de preconceitos, como também uma oportunidade para melhorar seu desempenho na oratória e, o processo de autonomia na aquisição de conhecimento através de fontes digitais.

**INTRODUÇÃO**

 Tendo em vista o amplo conhecimento histórico das origens brasileiras, foi efetuado na E. E. Dr. Carlos Albuquerque o trabalho interdisciplinar acerca do uso de materiais de Literatura, Geografia e Artes juntamente a História, trazendo como tema os povos indígenas. O foco foi trazer uma comparação das tradições originárias dos povos indígenas, com estímulos ao debate, interpretação, política, dados históricos, artesanatos e a cultura ainda vigente que atravessa gerações.

 Os alunos do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) do Curso de Licenciatura de História na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes (Aline Emanuelly Barbosa Xavier, Anna Flávia Rodrigues Dias, Emilly Alves De Araújo, Erika Camila Pereira Nunes, Hêmily Luisa Pereira de Souza, Isadora Sousa Rocha Santos, Maria Tereza Ramos de Souza e Pedro Henrique Costa Santos) juntamente a professora supervisora Cristina Dias Malveira, e a coordenadora do PIBID de História, Jonice dos Reis Procópio, organizaram a Oficina: “Desconstruindo o dia do “índio” a fim de desenvolver com os alunos dos 7° 3 e 8° 1, 2 e 3, uma experiência extracurricular e dinâmica sobre os povos originários brasileiros e suas influências na sociedade atual, afim de despertar curiosidade e interesse pela cultura e desenvolvimento da educação como um todo no Brasil.

Nesse sentido o PIBID surge como uma iniciativa não só de inserção dos acadêmicos de licenciatura nas escolas da rede pública. O programa também serve como uma alternativa para soluções para os problemas da escola. Buscando suprir certas carências através de atividades mais dinâmicas, estimulando o aprendizado dos alunos com oficinas de ensino.

Observando as necessidades específicas das turmas, auxiliando na superação de paradigmas e preconceitos a respiros dos povos nativos. Proporcionando através do ensino de história, um conhecimento a respeito da religião, cultura e saberes dos indígenas. Notoriamente a metodologia de varia de acordo com as já mencionadas especificidades das turmas, norteando o contado através de conhecimentos já adquiridos pelos alunos por outros meios, não restritamente da escola.

**JUSTIFICATIVA**

* **Qual a importância do PIBID para a escola?**

 Primeiramente, é necessário afirmar que a importância do PIBID dentro das instâncias escolares é visível e de extrema relevância. Uma vez que, além de incentivar a iniciação à docência aproximando as escolas da universidade, contribui para a formação de educadores, proporcionando-os a colocar a teoria aprendida na universidade, em prática. Vivenciando a dinâmica escolar, essa experiência proporciona aos bolsistas a busca por soluções em meio ao cotidiano do ensino. Dessa forma, o PIBID se faz ponte entre a formação profissionais educadores e a adaptação desses às escolas públicas. Ao elaborar e levar projetos e subprojetos para a realidade de ensino, esses possibilitam um primeiro contato efetivo com várias realidades. Tendo, através, do vivenciar o dia a dia em sala, a percepção que o contexto escolar e sua complexidade acabam fugindo da teoria vista. Assim, os licenciandos percebem a necessidade de reconstruir a teoria, a partir das diversas camadas de realidade, compreendendo que a demanda exige postura, determinação e muita resiliência. Com isso, os licenciandos adquirem ferramentas para estarem sempre buscando nas experiências vivenciadas dentro do ambiente escolar, os elementos para aperfeiçoar-se como graduandos, semeando assim as qualidades dos bons educadores.

* **Por que trabalhar povos indígenas?**

 Abordar essa pauta dentro das mediações do PIBID é de extrema relevância simbólica, cultural e política, uma vez que no ensino FUNDAMENTAL II é desenvolvido o contato com as matérias Grandes Navegações, Colonialismo e muitas vezes o uso de termos como “descobrimento”. Dessa forma, abordar a visão dos povos que já estavam aqui, gera e traz a percepção desses, diante dos processos históricos tão controversos. Tal pauta pode gerar a desconstrução de conceitos, o enraizar da consciência e o abrir portas para o pensamento crítico. Ademais, mostrar o lado dos oprimidos diante de um processo tão violento e genocida como foi a chegada dos europeus, é de um teor sociopolítico fundamental. Mesmo que seja tal abordagem introdutória, a começar pela valorização dos saberes indígenas, das suas comidas típicas, da religião e as suas manifestações culturais. Essa perspectiva traça um caminho diferente, contornando a ideia de que o " índio é preguiçoso", "o índio aceitou ser explorado" e tantos outros preconceitos dados no senso comum. Abrindo assim, as portas dentro das salas de aula, para o compreender da ancestralidade e sabedoria dos povos originários que são nossa base e saber; e os quais merecem ter seus direitos, suas terras e histórias valorizadas e legitimadas.

**OBJETIVOS**

**Objetivo Geral**

 Tendo em vista a temática supracitada, o objetivo geral da oficina era desconstruir o “dia do índio”, através dos eixos temáticos citados acima, afins de demonstrar como o povo nativo é diverso e múltiplo em várias regiões e estados do brasil.

**Objetivos específicos**

 Em contrate o presente projeto teve como propósito de relatar, explicar, debater e ilustrar alguns aspectos específicos sobre o tema como:

• Ajudar no aprendizado de História.

• Fornecer visibilidade sobre a história, lendas ou ancestrais que fazem parte da identidade indígena.

• Estabelecer questionamentos e debates com o propósito de conscientizar e possibilitar o sentimento de pertencimento referente aos povos originários.

• Explicar e demonstrar como a religião desses povos tem ligação direta com seu modo de vida, organização e nas práticas de subsistência como a caça, a pesca e a agricultura.

• Introduzir a importância de se preservar os saberes dos ancestrais indígenas, os quais são repassados de geração para geração.

• Produzir atividades com o intuito de demonstrar o que os alunos aprenderam durante o projeto.

**O LOCAL E POPULÃO PARTICIPANTE DA OFICINA**

Como já foi mencionado, a oficina foi realizada na Escola Estadual Doutor Carlos Alburquerque, com os alunos dos 7º e 8º anos, entre 10 e 16 anos. Todos moradores do bairro Maracanã e adjacentes, na cidade de Montes Claros, entre os dias 15 e 17 de Abril de 2023.

Oficina foi realizada comprido os planejamentos do PIBID com Diretora da Escola, que havia expressado o desejo da realização de oficinas que visavam romper com preconceitos e proporcionar uma produção artística para a escola, em reuniões anteriores com os membros da equipe e coma professora de História Crista D. Malveira.

**METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para o 7° ano III, foi o "Storytelling", método abordado no livro ‘O guia completo do storytelling’ (2016), escrito por Fernando Palacios e Martha Terenzzo. Somado a essa metodologia, a pedagogia freiriana, pontuada no livro Educação e mudança (1979) de Paulo Freire. A técnica Storytelling, resumidamente, é uma "contação de histórias", onde o telespectador se prende à narrativa através de imagens, sons, personagens, ambientes e contextualização geral da história narrada. Esse método introduziu novos conceitos e visões de mundo por meio da narração empolgada do conto, que por sua vez, garantiu o interesse dos alunos e possibilitou uma melhora na oratória através da participação. Aqui, foi utilizado um conto indígena, com o objetivo freiriano de promover questionamentos e a quebra de estereótipos a respeito da cultura indígena nos discentes. Pois a conscientização e a mudança, somente se faz atuante com o compromisso sociopolítico, de uma educação pautada no diálogo, que respeita a história e vivência social dos educandos. Em que tal produzirá a reflexão e a transformação da realidade, atuando de forma crítica sobre essa realidade e não apenas submisso a ela. Em síntese, foram utilizados de 5-10 minutos para explicar a dinâmica para os discentes. 20-25 minutos para a narração do conto com o uso de slides ilustrativos. O conto a ser trabalhado está incluso na obra Contos Indígenas Brasileiros, 2004, escrito por Daniel Munduruku. O conto em questão se chama O roubo do fogo e é uma histórica típica do povo Guarani, que estão localizados em diversos estados brasileiros (Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo etc.) e em países que fazem fronteiras com o Brasil. A conclusão desse primeiro momento foi baseada em aplicar desenhos para colorir, com a temática "Lideranças indígenas artísticas, culturais, políticas e/ou religiosas"; os desenhos propostos foram acompanhados com breves histórias das figuras representadas. E após, foi servido um lanche (suco e pipoca) para os alunos. Vale ressaltar que a pipoca não será meramente ilustrativa, mas evocava uma das comidas típicas dos povos indígenas, que foram os pioneiros no cultivo do milho. O segundo momento e o momento final da oficina foi realizado a parte da exposição, no pátio da escola, dos desenhos coloridos pelos discentes.

A metodologia utilizada para os 8° anos foi diferenciada, por entendermos que os discentes se encontram em processos peculiares de construção do conhecimento, precisando de abordagens diversas. Assim, para o 8° ano I, II e III, a oficina foi trabalhada com conteúdos complexos tais como “Religião/religiosidades” e “Política” indígenas. Aqui, foram utilizados slides e explanação oral desses conteúdos, mas, apesar de as metodologias serem diferentes, o funcionamento e a durabilidade serão os mesmos: a oficina “Desconstruindo o Dia do ‘Índio’ ” realizou-se em dois momentos, sendo o 1° o da exposição dos eixos “Cultura/Política/Religião/Religiosidades indígena” pelas 4 duplas, bem como a confraternização entre os alunos, no dia 17/04/23, e o 2° momento se fez o da exposição dos cartazes, produzidos pelos discentes, e exibidos no pátio da escola, no dia 19/04/23, tendo ambas as apresentações a durabilidade de uma hora e quarenta minutos (1:40h) por dupla.

A metodologia utilizada para o 8° ano I, será a exposição oral do eixo “Política indigenista” por intermédio de slides. O conteúdo abordará 7 direitos previstos na Constituição de 1988 voltadas especialmente aos povos autóctones (direito à terra, à diferença, à saúde, à educação, à igualdade, à proteção e processual”), bem como, os contraporá ao que ocorre na prática com estes, dando ênfase ao povo Yanomami que se encontra maioritariamente em regiões entre os estados de Roraima e Amazonas e vêm sendo “genocidados” pela não garantia de seus direitos, como pelo garimpo ilegal e pela destruição da fauna e flora em que vivem, sobretudo da Floresta Amazônica. A exposição seguiu em linguagem simples para melhor compreensão dos discentes, e se embasou teoricamente a partir do livro “Políticas indigenistas: contribuição para afirmação e defesa dos direitos indígenas” publicado em 2020 pelo Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV) e organizado por Rosa Maria Castilhos Fernandes e Angélica Domingos – Kaingang, a primeira, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a segunda uma indígena Kaingang. Além disso, revistas políticas disponíveis na web como “Glamour: Política e Direitos” e sites de institutos e fundações de confiabilidade como “IBGE, FUNAI e Fundação 1° de Maio”.

O 2° momento, que se após a confraternização com os alunos, será a exposição dos cartazes produzidos pelos discentes, onde estes serão avaliados em até 10 pontos válidos para o 2° bimestre escolar. Em suma, esperava-se que o desenvolver dessa atividade promovesse o (re)conhecimento dos povos autóctones como seres dotados de direitos que necessitam que esses lhes sejam assegurados. O intento era de que os alunos conhecessem se apossem da lógica da luta pela prática de uma verdadeira política indigenista.

A metodologia utilizada para o 8° ano II, se deu na forma de exposição oral do eixo “Religião e Religiosidades indígenas” por intermédio de slides ilustrados com imagens e vídeos. Além dessa primeira teorização (onde se tratava de uma breve explicação sobre o processo do “descobrimento” do Brasil e como foi realizado a adaptação das tradições dos povos indígenas para o Cristianismo, destacando a questão do batismo aplicado pelos europeus, e como a cultura indígena conseguiu resistir e influenciar muitas práticas ainda utilizadas atualmente) o conteúdo tratou da abordagem dos rituais presentes na cultura indígena através de gerações (rituais espiritualizados, os vários cultos aos deuses, e quais eram/ são eles, suas crenças nos fenômenos naturais, e como isso influenciava diretamente o funcionamento das tribos, como por exemplo, na escolha do líder e as consequências divinas para quem não o obedecesse), e como eles impactam até os dias atuais na cultura brasileira, como na medicina, nas festividades, na culinária, dentre outros. Esse 1° momento foi encerrado com a exibição de vídeos , houve a concessão de espaço para que os alunos expusessem suas opiniões sobre o que acharam similar aos rituais e práticas ainda presentes na nossa sociedade atual, no entanto foram feitos poucos apontamentos, mais houveram dúvidas, que foram sanadas pelos licenciandos de histórias, responsáveis pela apresentação. Após isso, a confraternização decorreu com o oferecimento de pipoca e suco para os alunos. Esses alimentos foram utilizados para evocar à memória da cultura indígena relacionada a alguns exemplos de sucos com ervas, originários da curandoria indígena, que foram, ao decorrer dos anos, adaptados a nossa realidade como chamados “detox”, juntamente com a pipoca, com a explicação da perspectiva histórica de como funcionavam as colheitas, e aplicação do trabalho braçal dos indígenas a mando dos Portugueses e outros povos que ocuparam o Brasil.

O 2° momento, que se se deu após a confraternização com os alunos, onde foi feita exposição dos cartazes produzidos pelos discentes, no dia 17/04/23, onde estes foram avaliados em até 10 pontos válidos para o 2° bimestre escolar.

A metodologia utilizada para o 8° ano III, onde mais uma vez a exposição oral foi utilizada para a apresentação do eixo “Cultura dos povos indígenas - Xacriabás” por intermédio do auxílio de slides que abordaram os povos originários e suas respectivas culturas e as diferenças entre um povo e outro, enfatizando o povo Xacriabá que se localiza no município São João das Missões - MG. Os principais temas frisados foram: pintura corporal, cultura do banho, rituais e principalmente o artesanato. Após a explanação, os alunos foram avisados sobre o modo de funcionamento da produção da oficina, bem como foram solicitados a trazer os materiais necessários para a produção, sendo então divididos em 6 grupos de 7 pessoas para a produção de cartazes sobre esses povos.

Cabe ressaltar ainda que os alunos tinham total auxílio dos discentes do PIBID e da professora regente, Cristina Malveira, para realização da oficina. O 1° momento se encerrou com a confraternização entre os alunos, onde serão utilizados pipoca e suco, que não serão meramente ilustrativos, mas evocava, assim cono nas demais turmas, a cultura desses mesmos povos. A realização do produto da oficina foi realizada num 2° momento. Aqui, os trabalhos foram expostos em um mural no pátio da Escola Estadual Doutor Carlos Albuquerque e avaliados em até 10 pontos válidos para o 2° bimestre escolar.

**MATERIAIS UTILIZADOS PARA A CONFECÇÃO DOS CARTAZES E DESENHOS**

Cola

Hidrocor colorido (para contorno das figuras)

Imagens dos povos indígenas (Xacriabás, Yanomamis, dentre outras etnias)

Lápis de cor

Papel Colorset

Pincéis (para a escrita nos cartazes)

Régua de letra

Tesoura sem ponta

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como se tratava de um primeiro momento de contado dos acadêmicos do PIBID com os alunos foram notados certos momentos de timidez e dificuldades várias que foram superados no processo. Notamos que os alunos estavam curiosos com o tema e ansiosos para conhecer os “pibidianos” (assim chamados informalmente pela professora e pelos alunos) e formam muitos solícitos na realização dos trabalhos (coloris os desenhos e fazer os cartazes). Pontuar o produto da oficina foi uma estratégia para que se conseguisse uma maior participação dos alunos, que foi necessária até certo ponto.

Durante a exposição oral e apresentação do conto e dos slides, as turmas prestaram bastante atenção, houve sim momentos de conversa paralela que logo cessaram após pedidos dos graduandos no decorrer das apresentações. Observamos que para além do pensamento considerado retrogrado passado pelos vários meios de comunicação foram até certo ponto superados pelos alunos. Muitos cartazes traziam indígenas realizando ações políticas, exercendo profissões na sociedade, entre outros temas que refletiam o que foi trabalhado na oficina. Um saldo realmente positivo para experiência de docência dos graduandos em história.

Além disso pudemos perceber certas lacunas no aprendizado dos estudantes. A Professora Cristina, havia relatado aos “pibidianos” que, devido ao tempo da pandemia do COVID-19, e a realização do Ensino Remoto, os alunos não haviam trabalhado com cartazes ainda, e alguns grupos tiveram problemas para realizar os cartazes. O que também obrigou os acadêmicos a utilizar uma metodologia diferente com os estudantes do 7º, onde eles coloriam figuras indígenas importantes da atualidade como Raoni, justamente para contornar essa situação. Nas turmas do 8º aos, os cartazes estavam com uma qualidade excelentes, porém algumas apresentações, foi notada a timidez dos alunos, o que é plenamente normal, além de um ou outro cartaz que estava num nível um pouco abaixo dos demais, que foi, assim como os outros avaliado segundo os critérios dos licenciandos (habilidades de fala em público, escrita, escolha das imagens, disposição geral do cartaz).

Dessa forma observamos que a primeira experiência e contado com alunos por parte da Equipe do PIBID de História da Unimontes lotados na Escola Estadual Doutor Carlos Alburquerque, teve um resultado satisfatório que redeu elogios tanto do corpo docente da Escola, como também do setor pedagógico da Escola e da Coordenadora do PIBID de História. Certamente as experiências obtidas nessa primeira oficina serão utilizadas e muito bem aproveitadas pelos licenciandos em outras oficinas a serem realizadas durante o decorrer do programa na Escola.

**Referências**

DOMINGOS, Angélica; FERNANDES, Maria Castilhos. Políticas Indigenistas: contribuições para afirmação e defesa dos direitos indígenas. 1. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS/CEGOV, 2020.

FUNDAÇÃO 1 DE MAIO. 7 direitos dos povos indígenas que você precisa conhecer. 2023. Disponível em:<https://www.fundacao1demaio.org.br/7-direitos-dos-povos-indigenas-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 25 março 2023.

GLAMOUR. Yanomami: entenda o que está acontecendo com os povos indígenas. 2023. Disponível em: <https://glamour.globo.com/lifestyle/politica-direitos/noticia/2023/02/yanomamis-entenda-o-que-esta-acontecendo-com-os-povos-indigenas.ghtml>. Acesso em: 25 março 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Os indígenas no Censo Demográfico 2010.2023. Disponível em:<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3.html>. Acesso em: 25 março 2023.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. Sos Yanomami. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/sos-yanomami\_cartilha\_final.pdf>. Acesso em 25 março 2023.

PALACIOS, Fernando e TERENZZO, Martha. O guia completo do storytelling. 1. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 48. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. Contos indígenas brasileiros.1. ed. São Paulo: Global Editora, 2004.